

TEATRO

**DEUS E O DIABO NO
BAR DA ESQUINA**

Antônio Roberto Gerin

Personagens

Constantino

Valdemar

Marido

Mulher

ATO I

CENA I

Deus e o Diabo na sala do apartamento de Beatriz e Constantino.

CONSTANTINO *(Entra, atitude reservada, estranhando o ambiente, como se nunca tivesse estado ali. Observa os detalhes, olha em volta. Deposita a maleta sobre a mesa, pega um porta-retrato sobre uma das mesinhas, observa-o com estranheza, apesar de o retrato ser dele mesmo. Observa também um belo quadro na parede, depois pega a maleta e sai para o corredor. O telefone começa a tocar, com insistência, ninguém atende. Ele volta, sem a maleta, o telefone ainda toca, mas ele revela não ter a menor intenção de atender. Mantém a mesma atitude de estranhamento. Vai até um pequeno balcão, abre-o, deixando à mostra bebidas de todo tipo. Pega, uma a uma, algumas garrafas, lê os rótulos, depois devolve-as ao lugar. Nesse tempo o telefone pára de tocar. Finalmente toma uma das garrafas, abre-a e deposita o líquido num copo. Experimenta. Faz trejeitos de quem não está acostumado a algo tão forte.*

Experimenta de novo, agora degustando. Nesse instante toca a campainha. Assusta-se, esconde o copo no interior do balcão, fechando-o. A campainha toca novamente. Vai à porta atender.)

- VALDEMAR Posso entrar? (*Entra.*)
- CONSTANTINO (*Contrariado.*) – Até parece que precisa perguntar.
- VALDEMAR (*Irônico.*) – Só pra saber se é você mesmo.
- CONSTANTINO Agora já sabe.
- VALDEMAR O que é que você está fazendo aqui?
- CONSTANTINO Que tal eu lhe fazer a mesma pergunta?
- VALDEMAR (*Olha em volta.*) – Está pronto pra começar mais uma batalha?
- CONSTANTINO Batalha?! Você não acha que está exagerando?
- VALDEMAR Hoje eu vim disposto a exagerar.
- CONSTANTINO Como você é insistente!
- VALDEMAR Lutar desesperadamente é o meu lema. Não desisto nunca! (*Pausa.*) Sabe ao menos o nome (*Apontando Constantino.*) dele?
- CONSTANTINO É óbvio que eu sei.
- VALDEMAR É que de repente...
- CONSTANTINO O nome dele é Constantino!
- VALDEMAR (*Espanto intencional.*) - Constantino, o imperador?!
- CONSTANTINO Coincidência, só isso.
- VALDEMAR Não precisa se justificar. (*Sempre analisando o ambiente.*) Não vai perguntar qual o meu nome? Quer dizer, o nome (*Aponta-se no peito.*) desse sujeitinho aqui?
- CONSTANTINO Que diferença faz?

VALDEMAR Pra você, nenhuma.

CONSTANTINO Dizer ou não o nome dele não vai alterar absolutamente nada.

VALDEMAR A onisciente e a onipresente arrogância de sempre.

CONSTANTINO *(Com indisfarçado orgulho.)* – O começo, o meio e o fim.

VALDEMAR *(Irônico.)* - Bem, senhor começo, meio e fim. *(Aponta-se.)* Ele se chama Valdemar! E como o senhor sabe, ele está prestes a cometer um crime! *(Consulta o relógio.)* Daqui a exatos cinquenta e oito minutos. E pelo jeito, o todo poderoso mais uma vez não vai fazer nada pra evitar a tragédia!

CONSTANTINO Não cabe a mim evitar tragédias. Nem essa, nem a próxima. Ademais, não é uma tragédia, é um simples crime.

VALDEMAR *(Irônico.)* - Pois esse simples crime não vai acontecer! *(Enfático.)* Esse não!

CONSTANTINO *(Enfadado.)* - Conheço essa conversa.

VALDEMAR Pois se prepare. Desta vez eu vim pra ganhar.

CONSTANTINO *(Com ar de deboche.)* - Você sempre vem pra ganhar.

VALDEMAR Você está duvidando de mim?

CONSTANTINO Não esqueça que o diabo aqui é você.

VALDEMAR Mas quem quer o crime é Deus!

CONSTANTINO *(Ar de espanto.)* – Eu? Querer o crime?!

VALDEMAR Por que é que você está aqui então?

CONSTANTINO Eu estou em toda parte.

VALDEMAR *(Bate o desespero.)* – Esse é o problema! Você está em toda parte! Enchendo o saco de todo mundo! Pobre dos homens...!

CONSTANTINO *(Cínico.)* – Já está na hora de você começar a chorar.

VALDEMAR *(Recompõe-se, desafia Constantino.)* – Não! Eu não vou chorar! Não vim aqui pra isso. Eu sei que hoje tudo vai ser

diferente! Algo me diz que eu vou conseguir o impossível! Eu vou evitar esse crime! (*Empurra Constantino, que se afasta. Aponta-se.*) Ele aqui não vai matar (*Aponta Constantino.*) ele aí! (*Caminha pela sala, tentando se acalmar. Olha em volta.*) O cara é rico, hein?

CONSTANTINO Dá pro gasto.

VALDEMAR Olha essa mesa!

CONSTANTINO Razoável.

VALDEMAR Razoável? Deve ter custado uma nota.

CONSTANTINO Ele tem dinheiro.

VALDEMAR A esposa é que tem bom gosto, isso sim!

CONSTANTINO Com dinheiro na mão, qualquer um tem bom gosto.

VALDEMAR Aí é que você se engana. O bom gosto dela não vem de graça. Beatriz é o tipo de mulher completa. Bonita, inteligente, (*Encantado.*) equilibrada...

CONSTANTINO (*Irônico.*) – Equilibrada.

VALDEMAR Ela tem todos os encantos que alguém poderia desejar. Um belo modelo de ser humano! (*Sem esconder o encanto.*) E tem aquilo que todas as mulheres gostariam de ter. Sensibilidade e auto-suficiência!

CONSTANTINO (*Altera-se.*) – Arrogância, isso sim!

VALDEMAR (*Provocativo.*) – Você está incomodado, não é? (*Empolga-se.*) Excelente terapeuta, (*Enfatiza.*) conhece a alma humana como ninguém. E você sabe disso.

CONSTANTINO (*Há certo ressentimento na voz.*) – Ela acha que não precisa de mim.

VALDEMAR Você não a domina, esse é o problema.

CONSTANTINO Será questão de tempo.

VALDEMAR (*Agressivo.*) – É por isso que você quer fazê-la sofrer?

CONSTANTINO Quem vai matar o marido dela é o sócio, não eu!

VALDEMAR Mas você pode impedir.

CONSTANTINO (*Na defensiva.*) – Eu não sou responsável pelo que os homens fazem.

VALDEMAR (*Exaspera-se.*) - Mas é cínico...! Lógico que você é responsável! Você é Deus! Não é você o criador dessa merda toda? (*Vendo que Constantino observa o quadro na parede.*) Esse quadro é autêntico.

CONSTANTINO (*Irônico.*) – Fico feliz.

VALDEMAR (*Ainda com raiva.*) - Eu sei quanto custou.

CONSTANTINO Quanto?

VALDEMAR Vai-me dizer que você não sabe. (*Apressa-se.*) Ah, esqueci! Você se ocupa com coisas importantes. Essas são terrenas demais! Fúteis!

CONSTANTINO Eu nunca disse que a arte é fútil.

VALDEMAR Pois ele pagou por esse quadro mais do que podia pagar.

CONSTANTINO Gastar mais do que pode é sinal de fraqueza.

VALDEMAR (*Exalta-se.*) – Isso é amor! Foi presente dele pra ela! (*Comovido.*) Olha como eu me arrepio todo...! O dia que ele ficou sabendo que ela estava grávida, foi lá e arrematou o quadro que ela tanto queria. (*Observa o quadro.*) Esse quadro é a alma dela.

CONSTANTINO Só por causa de uma criança.

VALDEMAR Mas a criança é tudo no quadro! Olhe bem e me diz se ela não é tudo? (*Empurra-o para frente do quadro.*) Observa!

CONSTANTINO (*Olha o quadro com desinteresse.*) - Eu estou olhando.

VALDEMAR Parece uma criança de verdade. Em carne e osso...! Olhe a

perfeição com que foi pintada. Essa perfeição foi criada pelo homem!

CONSTANTINO (*Demonstrando ciúmes.*) - É apenas um quadro.

VALDEMAR Mas nele há uma criatura! E essa criatura pertence ao pintor. É cria dele! Esse é o encanto que os homens não entendem! Sempre acham que tem que ter a mão de Deus em tudo!

CONSTANTINO Eles é que vêm até mim. Eu não procuro ninguém.

VALDEMAR Nem precisa procurar. Eles morrem de medo de você. Qualquer coisinha, (*Cômico.*) ai, meu Deus!

CONSTANTINO Está com raiva?

VALDEMAR Estou é com pena dos homens. De ver como eles comem na sua mão! Se preocupam tanto em saber pra onde vão depois da morte, que não vivem. A vida passa, e eles morrem sem saber pra onde estão indo. Do jeitinho que você gosta! (*Senta e testa a comodidade do sofá.*) Sofá delicioso esse! (*Levanta.*) Senta pra você ver.

CONSTANTINO (*Magoado.*) - Eu não quero me sentar.

VALDEMAR Um pouquinho só. Relaxe! Seu mundo não vai acabar agora não!

CONSTANTINO (*Tenso.*) – Eu não quero me sentar!

VALDEMAR (*Admirado.*) - Meu Deus, como nessa casa tudo é perfeito!

CONSTANTINO Vai, levanta daí.

VALDEMAR (*Consulta o relógio, Constantino faz o mesmo.*) - Ainda temos um bom tempo (*Intencional.*) antes do crime.

CONSTANTINO Você acha que eu também não gostaria que o homem fosse melhor do que ele é?

VALDEMAR (*Indignado, levanta-se.*) – Mas é um filho da puta...!

CONSTANTINO (*Tentando ser convincente, reage.*) – Eu sempre sonhei com um mundo melhor sim! O sonho do homem é o meu sonho

também!

VALDEMAR Então o que é que você está fazendo aqui? Quer que as coisas melhorem? Vai embora! Deixa o casal viver em paz! Eles se amam e vão se amar pra sempre! Amor eterno, coisa rara!

CONSTANTINO Que amor eterno coisa nenhuma! Isso não existe. Deixa de ser bobo. (*Posiciona-se diante do quadro. Exalta-se.*) Chegará o dia em que eles olharão pra esse (*Irônico.*) belo quadro e ele dirá. Esse quadro é meu! E ela gritará. Não, é meu!

VALDEMAR (*Inseguro.*) - Com eles não vai ser assim...!

CONSTANTINO (*Continua, agora mais incisivo, fingindo emoção.*) - Você me deu de presente, dirá a mulher! Mas eu comprei com o meu dinheiro, portanto, o quadro é meu, dirá o marido! E você acha que ela vai responder o quê? Enfia essa merda no rabo!

VALDEMAR Ela nunca diria uma coisa dessa. Nunca!

CONSTANTINO Eu não teria tanta certeza.

VALDEMAR (*Abalado, mas afirmativo.*) - Eu acredito no amor entre um homem e uma mulher! Eu sempre vou acreditar! (*Chora.*)

CONSTANTINO Estava demorando esse choro.

VALDEMAR Se eu não acreditar no amor, vou acreditar em quê? (*Abraça Constantino, que se incomoda.*) – Eles... eles são tão felizes...

CONSTANTINO Por enquanto.

VALDEMAR (*Desespera-se.*) – É por isso que você quer que ele morra.

CONSTANTINO Quem planejou o crime foi o sócio, não eu.

VALDEMAR Confessa! É por que eles são felizes!

CONSTANTINO (*Sarcástico.*) - Se fosse pra morrer só as pessoas felizes, não seriam mais que meia dúzia.

VALDEMAR Quanto mais infelicidade, melhor. Afinal, o mal te interessa, é dele que você tira o seu sustento.

CONSTANTINO Que culpa tenho eu se o homem não é capaz de fazer nada bem feito?

VALDEMAR Mas ele é capaz!

CONSTANTINO Então por que é que ele não faz?

VALDEMAR *(Grita.) - Por que você não deixa! (Agitado começa a caminhar pela sala. Silêncio. Vai até ao balcão e abre. Pega o copo de uísque. Tom jocoso.)* Uah! Escondeu o uísque por quê?

CONSTANTINO Deixa isso aí.

VALDEMAR *(Malicioso.)* – Está com vergonha?

CONSTANTINO *(Incomodado.)* - Eu só tomei um golinho.

VALDEMAR Não precisa disfarçar.

CONSTANTINO Sempre tive uma certa curiosidade.

VALDEMAR Bebe o resto.

CONSTANTINO Não! Já experimentei. Estou satisfeito.

VALDEMAR Pode beber! *(Oferece a garrafa a Constantino.)* Se quiser, tome a garrafa toda! Quem sabe você caia bêbado, durma um sono profundo, o suficiente pra que a humanidade se transforme naquilo que ela sempre devia ter sido. Um lugar decente, habitado por homens decentes! E não nessa merda que você sustenta! *(Pára. Bebe. Observa a garrafa. Tom conclusivo.)* Falsificado.

CONSTANTINO *(Assustado.)* – Como assim?

VALDEMAR Não precisa ficar nervoso, não é veneno. Só dá uma puta dor de cabeça. Você vai ver amanhã! Parece que tudo aqui dentro vai explodir. Aí você vai fazer o que todo mundo faz nessa hora. Prometer nunca mais botar uma gota de álcool na boca. *(Finge-se irado.)* Aí você jamais vai querer perdoar o trapaceiro filho da puta que falsificou essa merda!

CONSTANTINO Pois eu perdôo. Basta ele vir me pedir perdão.

VALDEMAR *(Revolta-se.)* – E os pingüços que se danem!

CONSTANTINO Eu fui feito pra perdoar. Perdoar sempre!

VALDEMAR Bebe! Vamos ver se amanhã você vai estar em condições de perdoar alguém.

CONSTANTINO Eu não vou beber.

VALDEMAR *(Pega a garrafa e enche mais um pouco o copo.)* – Não sei quem é mais filho da puta! Você ou o falsificador dessa merda!

CONSTANTINO *(Altera-se.)* - Sem ofensas!

VALDEMAR Então por que é que você deixa o cara falsificar?

CONSTANTINO O homem é livre pra fazer o que ele quiser.

VALDEMAR Desde que não contrarie os seus interesses!

CONSTANTINO *(Disfarça.)* - Existem bons remédios pra dor de cabeça.

VALDEMAR E tudo volta a ficar como está.

CONSTANTINO Ele me pede perdão.

VALDEMAR *(Surpreso.)* – O filho da puta do falsificador?

CONSTANTINO Não com a frequência que eu gostaria, claro.

VALDEMAR *(Irônico.)* - Só aos domingos.

CONSTANTINO Geralmente só aos domingos. *(Apressa-se.)* Mas quando ele ficar mais velho, as coisas vão mudar. Ele será mais temente a mim.

VALDEMAR *(Revolta-se.)* - E a cabeça dos bebuns?!

CONSTANTINO Não deviam beber. *(Ressentido.)* Mas já que bebem, deveriam me pedir perdão também.

VALDEMAR *(Desespera-se.)* - Porra! Quando é que essa merda toda vai acabar? Tem que ter um fim!

CONSTANTINO Enquanto o homem existir, não terá. *(Valdemar bebe. Tenta*

impedi-lo.) Não faça isso!

VALDEMAR Vai se foder!

CONSTANTINO (*Impõe-se.*) – Eu não admito grosserias.

VALDEMAR Então vai embora! (*Incisivo, acusador.*) Aliás, até agora você não me disse por que é que está aqui.

CONSTANTINO Eu estou aqui como posso estar em qualquer lugar.

VALDEMAR (*Insulta Constantino, quase aos gritos.*) – Gigolô de beatas! Mentiroso! Você está aqui porque você quer o crime!

CONSTANTINO Não se trata de querer ou não. (*Tenta ser convincente.*) Simplesmente eu não tenho como impedir.

VALDEMAR Mas eu tenho! E é por isso que eu estou aqui, sentado, enchendo a cara!

CONSTANTINO (*Cínico.*) – Isso é o que veremos.

VALDEMAR (*Aponta-se.*) - Ele veio convidar (*Enfia o dedo indicador no peito de Constantino.*) ele pra ir ao bar da esquina tomar uma cervejinha. Pra falarem de negócios, não é isso?

CONSTANTINO Exatamente. Pra falarem de negócios.

VALDEMAR Negócio porra nenhuma! Pura armação! Só pra levar o cara pro bar!

CONSTANTINO (*Desestabiliza-se.*) - Se eles quiserem ir pro bar, qual o problema?

VALDEMAR O filho (*Aponta Constantino.*) dele está no hospital. Morrendo!

CONSTANTINO E ele irá ao bar da esquina.

VALDEMAR Vamos ver se ele vai mesmo. (*Consulta o relógio.*) Ainda temos ainda quarenta e três minutos pra ficarmos aqui... conversando! Não tenho pressa. (*Bebe.*)

CONSTANTINO Você pensa que vai me enrolar!

VALDEMAR Esse é meu objetivo. Por que você acha que eu estou aqui?
(*Afirmativo.*) Me dê a carteira dele.

CONSTANTINO Pra quê?

VALDEMAR (*Estendendo a mão.*) - Me dê a carteira!

CONSTANTINO (*Enfia a mão no bolso direito, de onde tira uma carteira e a entrega a Valdemar, que a manuseia.*) – Você não devia estar mexendo no que não é seu.

VALDEMAR (*Em tom de surpresa.*) Uau! Quanto dinheiro...! (*Tira uma santinha da carteira.*) Uma santinha... (*Observa.*) Nossa senhora do quê...?

CONSTANTINO Desatadora de Nós.

VALDEMAR Desatadora de Nós... Que porra de santa é essa?!

CONSTANTINO Mais respeito.

VALDEMAR Sua cúmplice?

CONSTANTINO Minha mãe.

VALDEMAR (*Irônico.*) – Pô, você tem mãe pra caralho!

CONSTANTINO Essa é a protetora dele.

VALDEMAR (*Sério.*) - Você quer me dizer que ela vai proteger o coitado da morte... Nunca! Ela sempre faz o que você quer! (*Ameaça rasgar a santinha.*) Portanto, posso rasgar.

CONSTANTINO (*Intervém.*) - Não!

VALDEMAR (*Desafiador.*) - Então confesse por que é que você está aqui.

CONSTANTINO Você sabe.

VALDEMAR Eu quero ouvir da sua boca!

CONSTANTINO Eu vim consolá-lo.

VALDEMAR Mentira!

CONSTANTINO Eu não lhe devo satisfações.

VALDEMAR (*Grita.*) – O filho dele está morrendo e você vem me dizer que não deve satisfações? Você deve satisfações a ele sim! Ele está sendo enganado!

CONSTANTINO (*Sente-se acuado.*) – A vontade divina tem lá seus mistérios.

VALDEMAR Conversa pra boi dormir!

CONSTANTINO Eu exijo respeito!

VALDEMAR Daqui a quanto tempo o menino vai morrer?

CONSTANTINO Não sei.

VALDEMAR Sabe sim!

CONSTANTINO Ele piorou.

VALDEMAR Eu sei, levaram ele às pressas pra sala de cirurgia! (*Pega a santinha e rasga.*) A santinha não vai mais ter serventia. Os nós já foram desatados por você!

CONSTANTINO (*Tentando impedir.*) - Não faça isso! (*O telefone começa a tocar.*)

VALDEMAR (*Assustado.*) - Estão ligando pra avisar que ele morreu.

CONSTANTINO (*Silêncio, enquanto o telefone insiste em tocar. Valdemar está em estado de choque, mal contém o choro, põe-se diante do quadro.*) Me devolve a carteira. (*Voz firme.*) E pare com esse choro. (*Valdemar estende o braço, sem tirar o olho do quadro. Enquanto o telefone toca, Constantino pega a carteira, depois se abaixa e recolhe um a um os pedaços do santinho rasgado, e coloca-os dentro da carteira. Em seguida, guarda-a no bolso esquerdo. O telefone pára de tocar.*)

VALDEMAR (*Volta-se. Aponta o quadro.*) - Como é que ela vai suportar tanta dor?

CONSTANTINO (*Abre os braços.*) – Estou pronto pra acolhê-la em meus braços.

VALDEMAR (*Avança sobre Constantino.*) – Canalha! Assaltante de trem

pagador!

CONSTANTINO Foi um erro médico!

VALDEMAR Estripador de cangaceiro!

CONSTANTINO Você por acaso sabe fazer outra coisa além de chorar e xingar?

VALDEMAR Xingo! Xingo quanto for preciso! Ladrão de galinhas! (*O telefone começa a tocar novamente. Ansioso, implora.*) Deixa ele atender!

CONSTANTINO Não!

VALDEMAR Ele precisa saber que o filho morreu!

CONSTANTINO O filho ainda não morreu.

VALDEMAR Mas vai morrer!

CONSTANTINO Resta uma esperança.

VALDEMAR Ele é o pai!

CONSTANTINO Eu só quero poupá-lo.

VALDEMAR Não foi pra isso que você veio aqui.

CONSTANTINO Pra que submetê-lo a mais sofrimento?

VALDEMAR Beatriz está louca atrás dele!

CONSTANTINO (*Ressentido.*) – Seria bom ela pensar um pouco em Deus nessa hora.

VALDEMAR (*Desespera-se.*) - Ela precisa falar com o marido!

CONSTANTINO Ela está precisando é falar com Deus!

VALDEMAR (*Declama, ironizando.*) - Eu, Deus todo poderoso, criador do céu e do inferno, eu não quero que ele atenda ao telefone! Eu, o Magnânimo, quero o crime! (*Aumento o tom.*) Eu preciso de vingança, de ódio, de sangue! É dessa seiva suculenta que eu sustento a minha existência! Pra isso, eu, o Bondoso, lhes apresento o diabo, para que o mal, que está em mim, aos olhos

dos homens, esteja nele! (*Alucinado.*) Amém!

CONSTANTINO (*Cínico.*) – Ninguém vai acreditar que Deus seria capaz de querer um crime.

VALDEMAR Mas eu sei que você quer! Não só esse. Todos!

CONSTANTINO Olha aqui, fedelho de uma rapariga sem pai nem mãe. Deus jamais desejará um crime!

VALDEMAR Então vai embora!

CONSTANTINO Não é o diabo que vai me dizer o que eu tenho que fazer.

VALDEMAR (*Sentando-se.*) - Ainda me resta meia garrafa de uísque! (*Bebe.*)

CONSTANTINO (*Tenta mudar a estratégia.*) - Está bem. Está bem... Vamos embora. Nós dois. Mas com uma condição! Você vai primeiro.

VALDEMAR (*Larga o uísque sobre a mesa. Levanta-se.*) – Juntos.

CONSTANTINO Eu não faço negócio com o Diabo.

VALDEMAR (*Ameaçando sentar-se.*) – Bem, nesse caso eu vou me sentar.

CONSTANTINO (*Desespera-se.*) – Não!

VALDEMAR Porra! Decide!

CONSTANTINO Eu sou Deus.

VALDEMAR (*Afronta.*) - E eu o bobo da corte!

CONSTANTINO (*Irrita-se.*) - Eu mereço deferência!

VALDEMAR Deixa de se fazer de besta. Pra mim tanto faz! Se você precisa tanto que eu vá na frente, sem problemas... O todo poderoso tem lá também as suas vaidades.

CONSTANTINO (*Descontrola-se.*) - Me respeite! O Deus aqui sou eu! (*Quase aos gritos.*) Eu sou Deus!

**Futuramente a Cia de Teatro Assisto Porque Gosto
disponibilizará os textos completos para quem solicitar.**